



Filosofia do segredo: Alfredo Bosi e a pós-modernidade

Philosophy of the secret: Alfredo Bosi and postmodernity

Dossiê

Fabio Pomponio Saldanha*

ORCID: 0000-0002-8655-1334

E-mail: saldanha.fabio@gmail.com

Recebido: 04/06/2023

Aprovado: 16/11/2023

Resumo:

O artigo tenta trabalhar, a partir de uma seleção de textos de Alfredo Bosi, suas próprias aporias teórico-metodológicas, quando o objeto de análise bosiano é o próprio tempo de enunciação do crítico, seus dias atuais, entendidos como a pós-modernidade. O que se tenta observar é, relendo a própria argumentação bosiana, a dificuldade, resistência, do crítico na tentativa de diálogo com as teorias em voga após os anos 1970 em sua instituição sede, vendo nelas um caráter muito mais ideológico, subsumido ao capital internacionalizado, não mais ligadas a projetos estruturantes e totalizantes, como o estruturalismo e o marxismo. Ao tentar reconstruir os argumentos, busca-se mostrar os momentos em que os impasses são notados e, também, aquilo a poder ser retirado de tais construções bosianas, revendo, repensando seus caminhos, para outros futuros argumentativos ainda encontrarem, também, ponte de diálogo com os textos de Bosi.

Palavras-chave:

Alfredo Bosi; pós-modernidade; crítica literária; segredo.

Abstract:

The article tries to work, with a selection of texts by Alfredo Bosi, his own theoretical-methodological aporias, when the Bosian object of analysis is the critic's own time of enunciation, his current days, understood as post-modernity. What is sought to be observed is, as Bosi's own arguments are being reread, the difficulty, resistance, of the critic in the attempt to dialogue with the theories in vogue after the 1970s in his home institution, seeing in them a much more ideological character, subsumed to the internationalized capital, no longer linked to structuring and totalizing projects, such as structuralism and Marxism. When trying to rebuild the arguments, what is sought to be shown are the moments in which the impasses are noticed and, also, what can be taken from such Bosian constructions, reviewing, rethinking their ways, so that other future arguments can also find breaches of dialogue with Bosi's texts.

Keywords:

Alfredo Bosi; postmodernity; literary criticism; secret.

* Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

Ao serem tragicamente empurradas para a posição de defensoras de uma ordem que se desmancha, as esquerdas terminam por reforçar sua posição relativa de alvo potencial do ressentimento que se acumula em decorrência dessa desintegração mesma.

Edemilson Paraná e Gabriel Tupinambá

Meu encanto por Alfredo Bosi remonta ao meu primeiro ano de graduação na Universidade de São Paulo, quando o cancelamento de uma aula de “Introdução aos Estudos Literários II” vinha como correlato de um acontecimento, já cada vez mais rarefeito, na USP dos anos 2014: uma palestra do professor já aposentado, em torno do conto “O Espelho”, de Machado de Assis, que geraria a teoria da alma, como elencada pela análise do crítico, publicada meses antes na revista *Estudos Avançados* (2014, v. 28, n. 80).

Essa fascinação, decorrente da profundidade da análise ali lida, se dava também pela possibilidade de estar frente-a-frente com um dos poucos alicerces dos textos até então lidos que continuavam não só vivos, mas produzindo, discutindo seus anos acumulados de carreira e leituras através de uma performance cada vez mais rara, com os anos pesando nas costas arqueadas daquele senhor, que eu observava com atenção e admiração.

Os pilares basilares disso, ao longo desses quase 10 anos desde a primeira vez em que me deparei com algo escrito por Bosi, são também a dificuldade de seus textos, a preciosidade da matização e as análises que, muitas vezes, em meus primeiros anos de curso, ao longo da necessidade de entregar trabalhos, produzir resenhas e apresentar seminários, sentia, conforme procurava fontes de diálogo, que, além de muito do que poderia ser dito já fora, evidentemente, dito de alguma forma, mas que, muitas vezes, fora dito de forma tão mais elaborada, com certo gênio (no sentido de feitura, de elaboração primeira), que só me restavam as possíveis e infinitas citações, paráfrases, indicando: sobrenome-ano-página, como forma de agradecimento e homenagem, sobrevivência do conceito e das palavras nas, entre 5 e 10, páginas de texto para composição de nota que seguiam sendo exigidas pelo corpo docente.

No entanto, o aprofundamento e o mergulho nos escritos de Bosi também trouxeram, ao longo do tempo, certo incômodo com, diria, uma “parte” da obra bosiana: suas leituras em torno da pós-modernidade, elencadas em um problema a ser visto como continuação, ruptura ou aprofundamento da modernidade, como postulado desde o posfácio de 2001 acrescido em *Dialética da Colonização* (cf. BOSI, 2016, p. 385-392). A problemática se constituía da seguinte maneira: o que acontecia com a crítica cerrada, de certa forma profunda, aguda, atenciosa, que gerara textos como sua análise de “A máquina do mundo” (cf. BOSI, 2003, p. 99-122), *Iracema* (cf. BOSI, 2016, p. 176-193) e “O Espelho” já mencionado (BOSI, 2014), quando a mesma se deparava com um problema de uma época em transição, o fim do século XX e o início do XXI?

Qual era, digamos, a angústia localizada no modo de leitura bosiano, que saía de uma certa atenção ao texto literário para uma espécie de generalização sem correlação com referências e textos lidos? Este roteiro de leitura, a busca pela angústia e o que se pode tirar desse modo de leitura derrapante de Bosi perante a pós-modernidade, é o ponto central deste texto. Sem querer condenar as estratégias de leitura do crítico literário, o foco é a tentativa de entender o que é, de fato, talvez uma explicação para leituras tão diferentes das supracitadas, tendo como base as que analisarei de forma um pouco mais detida aqui, a serem apresentadas ao longo da argumentação.

*

As viradas do século, com o influxo de novos olhares e teorias a, majoritariamente, serem entendidas e, de certa forma, condenadas como “identitarismos”, chegaram a ser descritas por outros companheiros e críticos que produziram reflexões e textos teóricos em torno dos mesmos

problemas da “pós-modernidade” vistos por Bosi. Cito dois exemplos. Paulo E. Arantes (2021), em *Formação e desconstrução*¹, lê o dismantelamento do mundo filosófico a partir da chegada da desconstrução como um campo a gerar, naqueles a quem tal ideologia ganha força, uma espécie de disparate a chegar na condenação e proibição de uso de antibióticos ou até mesmo de acender a luz (cf. ARANTES, 2021, p. 30-31), caracterizando os ideólogos da desconstrução como aqueles que:

[...] a ponto de se tornarem especialistas exímios na procura da marginalidade heroica, na enenação de complôs urdidos pelos bem aquinhoados da *ratio* moderna, na identificação em efígie com minorias sociais, párias da vida intelectual, enfim especializaram-se no fomento de tudo que pudesse reforçar uma bem-sucedida estratégia de “vitimização”, como sublinham seus atuais adversários. (ARANTES, 2021, p. 37)

Tal cena também pode ser vista em termos parecidos, a partir de Roberto Schwarz (1999), na discussão do fim do século XX como uma espécie de desintegração de projetos universalizantes, em torno de possíveis críticas ao capitalismo, impulsionadas também, de certa forma, pela desconstrução, que passa a ser vista como um modelo ultrapassado de teoria, mesmo quando poderia ser entendida em uma espécie de gênese natimorta:

Considerada deste ângulo, aliás, a desintegração nacional não é uma questão nacional, e sim um aspecto da inviabilização global das industrializações retardatárias, ou seja, da impossibilidade crescente, para os países atrasados, de se incorporarem enquanto nações e de modo socialmente coeso ao progresso do capitalismo. As fragmentações locais são o avesso do avanço contemporâneo e de seu curso cada vez mais destrutivo e unificado. (Assim, o discurso desconstrucionista sobre os preconceitos e enganos embutidos na idéia abstrata de nação tem pouca relevância e passa à margem do processo efetivo. A presente desintegração nacional é uma realidade material da história contemporânea, e a distância que separa as suas condicionantes técnico-econômicas dos trocadilhos filosóficos em moda, talvez já ex-moda, é patética). (SCHWARZ, 1999, p. 160)

Bosi postula uma generalização sem referência parecida com a dos dois críticos supracitados, em “Narrativa e resistência”, conferência lida e publicada pela primeira vez em 1996, na revista *Itinerários*. Tentando observar como um conceito ético poderia se imbuir dentro da estética, ou seja, desafiando uma perspectiva em que as duas deveriam andar de forma separada, Bosi elenca dois campos primordiais: tema da e/ou forma imanente da narrativa.² Sua elaboração teórica, partindo de Benedetto Croce, não deixa de trazer uma série de matizações e conclusões em torno de romances (Lispector, Cardoso, Balzac e Ramos são só alguns dos nomes citados e analisados pelo autor) ao buscar unir uma forma de agir e reler seu próprio tempo, tentando entender a literatura como, talvez, uma das boas instituições (senão a melhor, a mais profunda) a corroborar com a construção de verdades em torno da humanidade, o “lugar da verdade mais exigente” (BOSI, 1996, p. 27).

A elaboração entre a confluência de narrativa e resistência, no entanto, passa por um percalço quando, tentando também ver as novas exigências do tempo atual, o raciocínio bosiano é interrompido por uma informação que fica, a meu ver, de certa maneira um tanto deslocada do

¹ Apesar da edição em livro ter sido publicada somente em 2021, os textos que compõem o volume *Formação e desconstrução* foram escritos ao longo da década de 1990, compondo assim a forma de diálogo com os outros críticos aqui apontados.

² Bosi destaca que o texto privilegia análises em torno de narrativas em forma de prosa por já ter trabalhado anteriormente com a poesia como forma privilegiada de resistência, em *O ser e o tempo na poesia* (1977). Há uma releitura, com a qual este artigo dialoga, elaborada por João G. M. Lopes (2022), que tenta reinterpretar os argumentos bosianos, mediante os cenários atuais enfrentados pela poesia contemporânea, sugerindo uma mudança de paradigma, da resistência à dificuldade, como novas formas também de enfrentamento e criação possíveis, mediante as novas faces e fases do capitalismo.

fluxo imediatamente anterior e, também, interrompe o raciocínio do autor a ponto de exigir, após a narração de um episódio ocorrido nos Estados Unidos, uma marca de separação no texto, com três asteriscos. O narrado por Bosi, que interrompe uma seção do texto, é o seguinte:

Essa atitude desequilibrada³ tem chegado recentemente ao paroxismo quando a militância de grupos de raça, de gênero ou de opinião se encarna na destruição do cânon tradicional. Por ocasião de um debate que se seguiu a uma conferência de Jean-Pierre Vernant sobre o homem grego, uma assistente, indignada, interpelou o mestre querendo saber porque este não dera ênfase à misoginia de Hesíodo, ou seja, não condenara a visão da mulher que sai da obra do poeta. Vernant reconheceu acirradamente que, de fato, Hesíodo refletia uma mentalidade patriarcal e lembrou que nos Estados Unidos, há poucos anos, uma editora feminista se recusara a incluir entre os seus títulos uma tradução dos poemas de Hesíodo, precisamente porque as suas ideias eram “descaradamente machistas”, reacionárias e ofensivas à imagem da mulher. As militantes americanas exigiam do poeta uma imediata, inequívoca e pública retratação; e foi um custo explicar à consultora da casa editorial que Hesíodo não estava em condições de satisfazer a essa exigência, pois morrera fazia mais de vinte e cinco séculos. (BOSI, 1996, p. 17)

Algo que vinha sendo elaborado em diálogo a publicações de I. A. Richards e Otto Maria Carpeaux em torno das complexidades entre valor estético e suas críticas, talvez, para pensarmos a dicotomia simbolizada pela ideia de resistência, ao ético, se torna uma generalização sem propriamente referência, como o pesquisador vinha fazendo até a paragem argumentativa. É possivelmente também tão produtivo, em termos do que poderíamos tirar a partir desse movimento retórico, o de interromper o raciocínio ali, em um tipo de conclusão, ao tentarmos pensar que isso, ao dar o assunto como encerrado, já garante, aparentemente, todas as matizações necessárias, ou o conteúdo que, de certa forma, precisaria ser dito a respeito do conflito entre as “militantes feministas” e o cânone que ali estaria correndo risco.

Gênero e raça parecem, para a argumentação de Bosi, mais próximos de opiniões, pela própria forma de se elencar o paralelismo, que trariam como consequência o ápice do espasmo, do espanto – o paroxismo – que precisaria ser denunciado como desequilíbrio e, logo, garantir à imagem ali criada certa noção de, senão equívoco, ao menos risível. A narração, em um parágrafo, a partir do momento em que o problema é encontrado (uma certa exigência de “militantes” a uma “figura de autoridade”), rapidamente, dentro da mesma estruturação argumentativa, encontra não só uma espécie de anuência (a validação, aparente, daquilo que se torna a “opinião militante” perante o “acadêmico”), mas logo uma matização a, no raciocínio, criar uma cisão entre dois lados: aqueles detentores do saber e da opinião fora do circuito de uma espécie de achismo, e os a estarem localizados exatamente como isso – detentores de opiniões errôneas, representando o pior do cenário atual a, naquela cena, somente poderem significar certo momento final para o riso, a escamoteação.

A falsa dicotomia se estabelece entre quem pode ser referenciado (e reverenciado), o professor chamado pelo nome próprio, Jean-Pierre Vernant, para uma construção entre o anonimato e a coletividade sem distinção, a começar pela assistente, passando pela editora, terminando em uma espécie de denúncia da corrosão do raciocínio e da capacidade de elencar possibilidades de releitura do cânone, como sempre um pedido de exclusão e “retratação” marcadas por um descolamento da realidade, dado que o poeta em questão já estava morto há algumas dezenas de séculos. A construção, do específico para a generalização, caracteriza o estudo da crítica do valor como a resistente, a condenada a enfrentar, mediante as novas “críticas de opinião”, o desmantelamento dos Estudos Literários como conhecidos até então, tornando o outro uma espécie

³ A atitude é, como descrito por Bosi, uma perspectiva de contestação do cânone geralmente entendido em uma tautologia pelos termos da crítica ligada ao valor.

de rosto sem rosto, sem definição, sem ponto dêitico com a realidade, o que me leva à pergunta: qual a consequência possível de encarar as “militantes feministas” dessa forma? O que isso gera, por fim, dentro da argumentação bosiana, quando o texto é interrompido linhas após essa apresentação do paroxismo nos Estados Unidos?

Uma possível resposta é: barrar a diferença. A generalização rapidamente resolvida em um parágrafo parece apontar a possibilidade de, a partir de uma certa revelação episódica que quase parece um sussurro em meio à argumentação bosiana, encerrar o assunto ao mesmo tempo em que o coloca em pauta. Diferentemente da progressão dos outros argumentos, que seguem elencados e encadeados, inclusive, pelas diferenças de parágrafos e aprofundamento daquilo dito anteriormente com uma consequência para o andamento do texto, encontra uma barreira, um fim ali mesmo onde se anuncia enquanto problema. Ao apresentar o caso das “militantes feministas” que, cheias somente de opiniões, achismos, dentro de um quadro paroxista, não conseguem reconhecer a morte do poeta canônico, o problema parece encontrar tanto uma solução, por terem sido apresentadas de forma generalizada, assim como o problema para a argumentação bosiana em si.

Parafraseando: Bosi não pode, aparentemente, ter outra chance dentro de sua argumentação senão encerrar a argumentação ali, dada a própria maneira como o argumento se apresenta: para poder continuar discutindo com/contra as “militantes feministas” talvez fosse necessário, pensando na maneira como o texto bosiano em si caminha, de mais referência, especificidade, o que é impossível a partir da estrutura da generalização. Se só se pode aprofundar um assunto e tentar entender outras formas de olhar para o problema como tal, primeiramente seria necessário o reconhecimento da questão dessa forma, o que não parece ser o caso. Logo, antes de retomar outra ponta argumentativa, como um momento não se conectaria com o outro de forma lógica na retórica bosiana, encerra-se a argumentação ali: três asteriscos, novo recuo de parágrafo, próximo foco argumentativo.

*

“Formações ideológicas na cultura brasileira”, publicado no volume *Entre a Literatura e a História* (2015), parece, no entanto, produzir, na economia do texto em si, outros tipos de voltas para que se possa entender o novo quadro das teorias em voga no Brasil e nos Estudos Literários, ainda que o autor, ao fim do texto, defenda o seguinte ponto:

[d]e todo modo, parece ter perdido maior importância determinar qual é a origem espacial de nossas ideologias. Origem não é a determinação a não ser nos marcos de um pensamento mágico ou mecanicamente determinista. De onde quer que tenham vindo as nossas ideias sobre economia e política, o que importa é a fundação que exerceram na construção do nosso pensamento e da nossa práxis. (BOSI, 2015, p. 268)

Aula inaugural de 1995 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Bosi buscava entender certa possibilidade de elencar, salvaguardando alguns momentos e demarcações teóricos, a maneira pela qual se formaram ideologias no Brasil, como demonstra esse movimento de conclusão do texto, ao se deter em exemplos de caso, como ideais abolicionistas no Brasil Colônia e as movimentações constitucionais de 1930 no Rio Grande do Sul. Esses movimentos finais, no entanto, encontram certa possibilidade de comparação pela diferença ao tipo de apresentação surgida no início do texto, quando da rememoração, por contraste, entre a cultura universitária e acadêmica dos anos 1960 e 1970, na instituição sede da aula em questão, a USP, e, em específico, no curso de Letras, relacionadas ao

“*ethos* de uma geração que compartilhou durante algum tempo as mesmas perplexidades no plano das ideias e no plano dos valores” (BOSI, 2015, p. 243).

Os “eternos amantes da poesia e da ficção” em leitura “imanente rigorosa”, a geração de 1960, se dividiram entre dois pólos, o estruturalismo e o marxismo, sendo essa tensão “constitutiva de um certo tipo de intelectual, que ainda sobrevive” (BOSI, 2015, p. 243). As “grandes perguntas e grandes opções” do modo de ver “sempre formas, estruturas [...] formações semânticas ou formações histórico-sociais” (BOSI, 2015, p. 244) parece perder espaço quando, na virada dos anos 1960 para os anos 1970, ganham espaço na academia uspiana dois tipos de olhares: os da dialética negativa e do antirracionalismo individualista (cf. BOSI, 2015, p. 245). Igualando Adorno, Horkheimer, Benjamin, Escola de Frankfurt, Foucault e Derrida como doutrinas datadas a partir de um “surto”, as consequências no plano teórico seriam “drásticas” e “sedutoras” tendo, por fim, uma mudança geral no paradigma: “[a]rte não mais espelho da sociedade, mas arte *versus* sociedade: arte enquanto crítica.” (BOSI, 2015, p. 246-247)

Com o intuito final sendo a chance de “inebriar letrados”, Barthes e outros, já mencionados, tinham como princípio críticas desejosas de ser entendidas como “demolidoras”, sendo que as mesmas eram, na verdade, baseadas em um formalismo cansado “dos abstratos rigores dos petímetros acadêmicos e se emborracharam com os prazeres báquicos do texto” (BOSI, 2015, p. 247). A consequência final para a crítica, ao baque sofrido, os “abalos de múltiplos lados”, está descrita, por exemplo:

[n]o bojo desse poderoso movimento contra os micropoderes do saber tradicionalmente qualificado de racional, o desconstrucionismo de Derrida (que ganhou parte da crítica universitária norte-americana entre as décadas de 1970 e 1980) levou à prática da decomposição da escrita em subdiscursos heterogêneos e lances de acaso, o que tornou difícil de atuar a proposta de cercar as determinações sociais do texto com que, em tempos idos, ainda se vincularam as análises estruturais e a interpretação sociológica. (BOSI, 2015, p. 247)

Nesse momento, no quadro final desgastado, cuja causa eram “mãos distintas” de “amadores⁴ da linguagem como Barthes” e “filósofos da cultura **definitivamente** não-marxistas como Derrida e Foucault”, levam a caracterização última desses movimentos surgidos nos anos 1970 na cultura uspiana como uma inversão de foco: “[n]o mosaico pós-moderno as oposições de fundo se esbateram todas no mercado cultural” (BOSI, 2015, p. 248, destaque nosso). Uma espécie de laudo segundo o qual a teoria acadêmica teria perdido espaço para a chegada da “cultura de massas” (BOSI, 2015, p. 248), dentro do pensamento anteriormente crítico, vai acompanhar a análise bosiana que, após a definição de espelho do mercado cultural, salta, mais uma vez, de uma espécie de aproximação genérico-específica (afinal, não há lastro com citações de obras diretas, somente especificações a partir do nome de certos teóricos “pós-modernos”) para uma tentativa de entendimento do que são as ideologias, como elas se divergem da teoria para, em um outro momento, chegar à análise do caso brasileiro, mais uma vez, com uma retrospectiva analítica, ao tempo colonial e as décadas iniciais do século XX, por ser necessário “tomar boas distâncias temporais” (BOSI, 2015, p. 250).

Ao sugerir a necessidade de tomar distância, Bosi parece oferecer o laudo, por fim, de que as necessidades e determinações dos amadores dos anos 1970 estavam, porventura, cometendo algum tipo de deslize em suas questões, no modo como olhavam para a literatura e o fazer crítico.

⁴ Chamaria já a atenção para a maneira como Bosi descreve a sua geração, de *amantes*, para como entende a geração seguinte: *amadores*. Há aí já um fundo de significação que presume, no segundo, quando da mudança no quadro teórico (que não é sequer entendido como teoria, como buscarei mostrar a seguir), um entendimento prévio de degeneração.

Tomo esse tipo de questão a partir da tentativa de salvaguarda ao cânone, que parece contrapor os amantes aos amadores neste momento da argumentação bosiana:

Expurgaremos de *Os sertões* o discurso do evolucionismo pararracista lá aninhado? Seria uma atitude ingênua e idealista que falsearia a contraditória grandeza de Euclides. Apagaremos n'Os *Lusíadas* a crença na missão heroica, política e religiosa, de Vasco da Gama? Seria alijar um dos sentidos públicos da epopeia. Subtrairemos o pessimismo sem saída de Leopardi ao corpo vibrante da sua lírica do infinito? Não compreenderemos a sua dialética de desengano e resistência. Expulsaremos das *Primeiras estórias* de Guimarães Rosa o seu animismo arcaico e popular, ou o substituiremos por algum tipo de racionalismo materialista para adular o nosso superego ilustrado? Seria o mesmo que negar, por purismo estético, que os andaimes narrativos da *Divina comédia* foram construídos com os materiais da teologia de Santo Tomás. Poesia e ideologia, poesia e doutrina, poesia e não-poesia, parentes, talvez rivais. Rivais, mas parentes. (BOSI, 2015, p. 250)

A contradição parece se assemelhar ao dito em torno das “militantes feministas”. Rever certas possibilidades de olhar o cânone a partir das novas configurações do que se encontra disponível na academia uspiana, depois dos anos 1970, pareceria envolver também uma espécie de resistência inevitável daqueles a se formarem antes da chegada dos textos de Barthes, Derrida, Foucault, Adorno e Horkheimer. Isso porque, após esse resumo do que seria salvaguardado, ou do que seria até mesmo proibido de ser visto em análises literárias, Bosi passa para sua construção das diferenças entre teorias e ideologias, percebendo-se, a partir daquilo a ser construído a partir de Marx, que “todas as teorias explicativas da sociedade se tornavam passíveis de uma dúvida metódica: até que ponto o emissor da mensagem está envolvido, consciente ou inconscientemente, na defesa de sua crença ou de seu interesse?” (BOSI, 2015, p. 251).

A questão, todavia, parece se sustentar porque há um pressuposto de salvaguarda ao próprio marxismo (como lido a partir de certo Marx, mas não de seus leitores, afinal Adorno e Horkheimer estão no quadro já um tanto pessimista de Bosi), quando o autor coloca como hipótese necessária para sustentar sua argumentação de que teorias são aqueles conjuntos dos anos 1960 e, posteriormente, o que se encontraria seriam somente ideologias, no momento em que diz:

[s]e é justa a hipótese marxista segundo a qual, na história, os problemas são formulados tão só quando há condições objetivas para fazê-lo, então entende-se o porquê das diferentes reações ideológicas que a crise da força de trabalho provocou nos anos que precederam a Lei Áurea. (BOSI, 2015, p. 262)

Há uma espécie de certeza no entendimento segundo o qual o movimento da história, como uma concatenação sempre progressiva de ideias, vai garantindo a fusão de certo movimento ocidental, neste caso, europeu, pelo qual a própria chance de ler de maneira correta a história precisa passar, obrigatoriamente, por um entendimento dentro da perspectiva da modernidade e do capitalismo, como leitura estrutural totalizante marxista. A salvaguarda que Bosi faz a partir desse momento para reler a história brasileira, em três momentos antes do fim da escravização de pessoas negras, busca se alinhar a certa tendência pela qual ideologias europeias, como o liberalismo no século XIX, se mesclam ao funcionamento escravocrata brasileiro e, com o passar do tempo, fundam outro tipo de modernidade no Brasil, a ponto de, eventualmente, a escravatura ser interrompida – tese também schwarziana em “As ideias fora do lugar” (2014), diferenças à parte, mediante foco e economia textuais.

Para poder demonstrar certas diferenças que podem acabar salvaguardando pontos importantes de questionamento que iriam, de certa forma, em uma aproximação contrária à bosiana, vejamos a citação, algumas páginas antes, de um trecho de Benveniste:

O pensamento chinês pôde muito bem haver inventado categorias tão específicas como o Tao, o Yin e o Yang; nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo impedir a atividade do espírito. (BENVENISTE *apud* BOSI, 2015, p. 252)

As problemáticas, a partir do momento em que se apoia na certeza da existência de poucas teorias (pela existência pouca de vocabulários abstratos adequados), em contrapartida a ideologias, subsumem questões importantes, a possivelmente aparecerem caso se saia da certeza de que o movimento de certa teoria (europeia) é o movimento de releitura possível do mundo. Há uma espécie de salvaguarda, mesmo na tentativa de matização bosiana, ao se ler a aula inaugural como um todo – as voltas e torções não deixam de indicar uma espécie de plano de fundo lamurioso sobre o “fim” da importância do marxismo, ainda que ele seja a base para a análise retrospectiva (quando da leitura do Brasil Colônia) e uma chance de pensar o futuro (da resistência do crítico em si).

Ainda assim, e talvez corra o risco de ir de maneira rápida neste ponto, o que se nota pela junção de Benveniste à argumentação bosiana é também a própria narrativa aquém e além não só do capitalismo como rumo da história, para até mesmo que vertentes marxistas possam decretar o fim de tal regime de exploração, mas uma tradução do espírito da ilustração do mundo como concomitância dos debates dentro da Europa, entendida como espelho de todo o Ocidente. Benveniste, ao sugerir que o pensamento chinês é um único pensamento, de uma única forma e produtora somente do Yin, Yang e do Tao, reduz toda uma história civilizacional como necessariamente precária por não ser europeia, por não estar inscrita no círculo das demarcações temporais advindas de um modo de entender a História, o progresso e o conhecimento científico.

Ao colocar dessa forma, o que se pode observar é também que a China com seu pensamento (portanto, nem teoria, nem ideologia), ainda poderá chegar ao nível, à etapa, de ter, de fato, teoria, ideologia e se acomodar no eixo narrativo da História do Conhecimento, se o fizer sob os moldes e modos ocidentais, que nesse ponto não são uma saída possível para se pensar e olhar para o mundo, mas a única saída possível, a única forma de se atingir certo patamar de entendimento e ilustração do mundo capaz de fazer com que civilizações menores (que só possuem “pensamentos”) cheguem a ser novos recipientes do espírito (aqui, entendido como o *Logos* Ocidental, o espírito europeu visto como espírito da razão). A isso, esse movimento de traduzir a expansão da Europa como algo natural, como o nascer, pico e pôr-do-sol, para o elogio da chegada mitológica de homens brancos em outros territórios (DERRIDA, 1991), se dá o nome de colonialismo, baseado em teorias raciais (doravante, racistas), pensadas em torno do Orientalismo (SAID, 2007). Ao outro, que é marcado por signos da diferença (raça, gênero, classe social), sempre se deixa a alcunha limitante (como já citado por Bosi, a frase “o pensamento chinês pôde muito bem haver inventado categorias tão específicas como o Tao, o Yin e o Yang”), enquanto o alcance universalizado, racional, estruturante, cabe à teoria, desejosa de entendimento de transparência, universalidade (SPIVAK, 2014).

As complicações, portanto, na longa palestra de Bosi, se dão a partir do entendimento de que aquilo a surgir a partir dos anos 1970, com o passar do tempo também para as décadas seguintes, parece ser a garantia sempre da particularização, apequenamento das possibilidades

de se perceber a estrutura como um todo, ao mesmo tempo em que, para não continuar lendo de perto esses movimentos, o que forçaria uma tentativa de citação, matização junto dos autores tidos como o “surto” acadêmico, exige da própria estrutura o interrompimento e a reconfiguração para outros tempos. Afinal, como pontuado pelo próprio autor, se é necessário distância temporal, ler o que acontece em seu próprio tempo desafia sua estrutura teórica já cristalizada ao longo da historiografia, sendo de impossível realização. Isso, no entanto, marca talvez uma própria marca que pareceria funcionar como acusação do outro, do apequenamento das ideologias, nunca teorias, surgidas após os anos 1970; retomo a citação: “todas as teorias explicativas da sociedade se tornavam passíveis de uma dúvida metódica: até que ponto o emissor da mensagem está envolvido, consciente ou inconscientemente, na defesa de sua crença ou de seu interesse?” (BOSI, 2015, p. 251).

A resposta à pergunta de Bosi parece exigir, mediante o entendimento da palestra, que as teorias não teóricas, aquilo a ser entendido como ideologia (já demonstrando o caráter analítico da teoria marxista, como entendido por Bosi), realmente parecem ser sempre um exercício de defesa de crença ou interesse, mas salvaguardando a possibilidade de olhar de volta para si como tal. Afinal, como termina o texto de Bosi, talvez as discussões aprofundadas, matizadoras do passado, demonstram certa possibilidade de se ver, a partir das ideologias europeias, como o liberalismo, que mesmo esse movimento advindo da colonização trouxera bons frutos: a justificativa é a de ser com a colonização e a chegada do liberalismo, em terras brasileiras, que se pôde ver a modernização, todavia atrasada e retrógrada, do solo brasileiro, inserindo o país no grande ciclo civilizacional moderno-capitalista.

E, nesse sentido, até mesmo a teoria que não pareceria necessariamente ter de passar por essa espécie de juízo, para o entendimento da defesa das crenças e interesses, acaba sendo passível de análise por esses mesmos termos. Ao demonstrar que a passagem do tempo parece salvaguardar as teorias e hipóteses marxistas como boa maneira para se pensar até aquilo a existir antes mesmo das formulações de Marx, transforma-se também uma maneira de se reler o tólos da história como a própria construção das várias versões do capitalismo (SPIVAK, 2022). O início da palestra de Bosi parece existir para que se confirme a possibilidade de deixar de lado aquilo feito após os anos 1970, como necessariamente projetos que não visam o exercício mesmo feito pelo crítico, nas seções após a apresentação da sua época de “formação” acadêmico-universitária, e os exercícios de análise que propõe em torno do passado escravocrata brasileiro, assim como dos inícios de crítica para os anos 1930 e os projetos constitucionais no Rio Grande do Sul.

*

Faço uma última entrada neste texto, pensando a homenagem de Bosi a Antonio Candido, capítulo presente no livro *Antonio Candido 100 anos*, intitulado “Mediação não é conciliação: sobre um legado da obra de Antonio Candido” (2018). Texto dividido em duas partes, creio que pode fechar de uma boa maneira o dito até aqui, quando do encontro de Bosi com aquilo a, depois de passados seus anos de formação, demonstrar certa resistência (na ambiguidade mesma da palavra) a ceder um certo espaço no entendimento analítico do crítico sobre seu tempo e os futuros, ainda vindouros, da atividade analítica da literatura, da sociedade e de tudo nos entrecruzamentos possíveis dos campos.

A primeira parte do texto, voltada a tentar demonstrar como o pensamento crítico de Candido era mediador, não conciliador, toma como definição que mediar é observar as diferenças sem conteúdo previamente definido, para entender o embate e dali se retirar algo, enquanto a conciliação seria uma tentativa de silenciamento daquilo a fugir de esquematizações prévias. Se cabe ou não pensar o raciocínio de Candido como realmente mediador ou conciliador, prefiro,

neste texto, me abster do celeuma, dado que o nome do fundador da área de Teoria Literária na Universidade de São Paulo atrai, como Bosi mesmo pontua, respostas das mais diversas possíveis.

No entanto, há algo feito no texto bosiano que beira uma tentativa de barragem da discussão aos princípios metodológico-analíticos de Candido, principalmente quando olhamos a segunda parte do texto, uma pequena reflexão em torno da militância e ação política candidiana, de sua juventude até a morte. Eis um trecho, a meu ver, capaz de resumir certa tomada de posição, sem identificar, todavia, a quem se dirige a crítica:

Durante a ditadura civil-militar, que seduziu intelectuais ditos liberais e direitistas, a sua presença [a de Candido] se fez sentir em círculos diversos, como a Comissão de Justiça e Paz e a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo. Era a palavra justa, que nada concedia ao poder, mas perseverava na prática do diálogo com o eventual adversário. Ele foi o mediador por excelência nas agitadas assembleias que acirraram as posições ideológicas. Na comissão de Justiça e Paz, criada pelo cardeal Evaristo Arns, procurava dar corpo às esperanças do padre Lebrecht, amigo duradouro, que vaticinara a união dos socialistas democráticos com os cristãos progressistas como frente anticapitalista. Sem nenhuma crença religiosa, no sentido confessional da expressão, considerava, porém, de valia a missão civilizadora das igrejas quando não fanatizadas por princípios fundamentalistas. Assim pôde fazer, como poucos, uma saudável mediação entre crentes e agnósticos, que coincidiam na luta pela liberdade e pela justiça. Nessa, como em outras esferas, não havia preocupação de conciliar teoricamente posições filosóficas contrastantes. A sua inteligência límpida recusava-se a cair na confusão verbal. (BOSI, 2018, p. 50)

Ao dividir o texto com uma possibilidade de tensão a ser resolvida, ainda que não se diga uma referência em torno de quem seriam as pessoas a “acusarem” o raciocínio de Candido de ser “conciliador”, Bosi parece sugerir uma impossibilidade de se pensar de fato algo em torno de críticas ao projeto candidiano por ver, na figura pessoal, na militância de Candido, um intelectual mediador. Ao tentar demonstrar como Candido estaria ligado a todo um passado de luta política e militância desde sua juventude, passando pela ditadura, até a criação (e futura desilusão) com o Partido dos Trabalhadores (o PT), o que parece estar em jogo é uma tentativa de, ao sugerir que Candido era um mediador por excelência, em todas as esferas de sua vida, quando críticas pudessem ser feitas ao projeto crítico-intelectual do criador da área de Teoria Literária uspiana logo se estaria criticando a vida pessoal, o projeto político do autor, dado que não existiria uma separação entre as partes da vida de Candido. Este movimento, por fim, deveria ser evitado, por isso os próprios movimentos feitos da maneira como elencadas por Bosi, e, também, por isso suas lembranças e revelações em torno de quem Candido era.

Isso, se levado às últimas consequências, impede sequer a possibilidade de se pensar algo em torno do debate da obra candidiana. Fica cercada e encerrada qualquer chance de se pensar uma forma de criticar pressupostos, atualizar conceitos e, quiçá, até mesmo de discordar plenamente (e ser levado a sério, ser ouvido dentro de circuitos acadêmicos), porque, caso se discordasse do crítico, logo, a consequência óbvia seria ser levado como ofensa pessoal e, portanto, não seriam necessários, quem sabe, quaisquer modulações consideradas dentro das questões minimamente éticas obrigatórias para o debate hoje. De possíveis associações a ofensas disparatadas, até mesmo, quem sabe, uma forma de ser associado à direita ultraconservadora brasileira, o que o raciocínio bosiano parece sugerir é que, caso se pense qualquer mundo no qual exista uma crítica ao projeto candidiano, minimamente poder-se-ia esperar dessa cena algo de ruim do campo enunciador da crítica, não sendo necessário ouvi-la e levá-la a sério.

Como sinal de um tempo em decadência, portanto, as formas de se pensar projetos que não ligados a um consenso, adesão sem questão, ao projeto candidiano, poderia-se imaginar logo uma correlação com os modos de se olhar e questionar as “coisas pequenas”, fora da estrutura, escamoteadas e paroxistas da literatura, como as teorias dos anos 1970, ou as feministas estadunidenses com Vernant. Desse modo, o que, em um primeiro momento, no texto bosiano, é uma aproximação com alguns textos de Candido (presentes em *O discurso e a cidade*, *Formação da Literatura Brasileira* e *Vários Escritos*), passa a ser uma recuperação do campo de ação em outras esferas que não a crítica acadêmica, mas que, de acordo com certo mecanismo de filiação (igual aos de, por exemplo, Arantes [2021] e Schwarz [1999] já citados), parece ser possível ver uma formação a lembrar, talvez, uma espécie de família que se origina a partir dos laços criados dentro da USP. Portanto, ver algum membro dessa grande filiação na iminência de sofrer uma espécie de perjúrio requer, necessariamente, resposta, ricochete, tentativa de neutralização, revelação de, através de um sussurro de segredo, algo capaz de encerrar o debate, que também tem, como consequência, uma mudança na forma mesma do texto.

*

Este itinerário de leitura pelos textos de Alfredo Bosi que se aproximavam de uma leitura conflituosa entre um tempo passado e um presente, ainda que curto, buscou demonstrar certo exercício “revelatório” da crítica bosiana, no sentido pelo qual, a partir da estruturação ocultamento/transparência, o texto do crítico uspiano se mostra como transparente, por revelar certas tendências ocultas, ou que tendem ao ocultamento, em outras vertentes críticas, majoritariamente tidas como “ideológicas”, cuja ampla divulgação no Brasil data dos anos 1970, chegando até mesmo a “atingir” figuras fundamentais da crítica uspiana, por exemplo, Antonio Candido. Exercícios de tentar “corroer” a memória do fundador da área de Teoria Literária da Universidade de São Paulo, ou então questionar o cânone a partir de pedidos de “reparação”/retratação, acabam resultando, após a leitura dos textos de Bosi, em uma imagem de disparatados, acrílicos, em algum sentido risíveis, após a apresentação das evidências do crítico.

Esse exercício de revelação é o que sugiro como filosofia do segredo em Alfredo Bosi. Ainda que grande estudioso, por exemplo, das relações entre narrativa, poesia e resistência, tendo a literatura papel importante como instituição rigorosa para a revelação de verdades profundas, quando o método crítico-analítico de Bosi se depara com novas questões, de novos momentos, a possivelmente também comecem a exigir, de forma tão resistente quanto o elogio prévio à literatura, certas reconfigurações em zonas epistêmico-ontológicas, como movimentos feministas, estudos críticos de raça, pós-colonialismo, entre outros, vê-se, na argumentação bosiana, uma resistência de outro tipo, um tanto angustiada, como prevista na epígrafe deste artigo.

Ao se deparar, portanto, com uma crítica que, mesmo se seguissemos os padrões estabelecidos por Bosi, segundo os quais o acúmulo de conhecimento permite novos questionamentos de outra ordem, ao ver seu modelo de crítica ser colocado em suspeição, como algo a possivelmente ser posto como objeto de análise, não mais uma metateoria a tudo explicar, aí encontra-se a duplicidade aporética do exercício bosiano de resistência. Não mais resistente, em termos a tentar juntar ético e estético, mas sim resistente no sentido pelo qual o método crítico-analítico de Bosi tenta afastar do escopo, ou sequer da possibilidade de considerar como viável, novas perspectivas fora dos limites estruturais, gerais e organizados pelos ditames do estruturalismo e do marxismo.

Assim, a melancolia, o retrato angustiado sugerido no início do texto, se torna tamanho a ponto de exigir novas formulações a se repetirem, como na tentativa de demonstração deste texto, segundo a qual, mesmo dentro da estrutura dos argumentos bosianos, o embate com um inimigo a ser sempre generalizado se torna vazio também de especificidade argumentativa, pois a recusa

é primeira, resistência à sequer a aproximação de contato, criando-se uma imagem a tornar-se recorrente e reutilizável, pela qual a simbologia dos novos tempos se dá por uma constante diferenciação *ad eternum* negativa do abandono de grandes vontades explicativas e grandes teorias.

Uma então possível cena de desintegração de grandes projetos da esquerda (PARANÁ; TUPINAMBÁ, 2022), no entanto, para novas atualizações que também deem conta de outros tipos de questionamentos, levantes e reorganizações epistêmico-ontológicas podem, por exemplo, também significar a saída da resistência para outros paradigmas, como a dificuldade (LOPES, 2022), ou até mesmo o reconhecimento de que, a partir de uma configuração teórica, é possível entender tanto seus alcances, quanto seus limites, seus pontos necessários de suplementação (SPIVAK, 1994), não de simples resistência ao reconhecimento de ali também haver algo a ser possível de considerar, da mesma forma como se tem a certeza do poder de leitura do próprio esquema, a validade da perspectiva do outro.

A filosofia do segredo de Bosi, portanto, ao tentar observar a limalha da ideologia do Outro, a partir daquilo a ser retirado como retrato, quando no contemporâneo, negativo de uma geração, também revela, como todo segredo em sua economia (DERRIDA, 2013), um outro segredo dentro do segredo, uma ideologia onde não se prevê tal existência. Ao ser o outro, na economia textual bosiana, quem precisa ter sua ideologia relida e reinterpretada, o que se infere, quando do autor com aquilo a poder ser chamado de pós-modernidade, é também um limite de si, de onde até mesmo sua ética e estética resistente conseguem ir, dentro da argumentação: encontrando seus limites e, ao mesmo tempo, limitando-se.

Referências

- ARANTES, Paulo E. *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Itinerários*, n. 10, p. 11-27, 1996.
- BOSI, Alfredo. “A máquina do mundo” entre o símbolo e a alegoria. *Céu, inferno*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 99-122.
- BOSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. In: *Estudos Avançados*, v. 28, n. 80, p. 237-246, 2014.
- BOSI, Alfredo. Formações ideológicas na cultura brasileira. *Entre a Literatura e a História*. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 243-268.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BOSI, Alfredo. Mediação não é conciliação: sobre um legado da obra de Antonio Candido. In: SCHWARZ, Roberto; FONSECA, Maria A. (Orgs.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 45-51.
- DERRIDA, Jacques. A mitologia branca: a metáfora no texto filosófico. *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim T. Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papirus Editora, 1991, p. 249-314.

DERRIDA, Jacques. A literatura no segredo. *Dar a morte*. Tradução de Fernanda Bernardo. Lisboa: Palimage, 2013, p. 149-192.

LOPES, João G. M. Dificuldade da poesia: desafiando o modelo teórico de Alfredo Bosi. In: *Remate de Males*, v. 42, n. 2, p. 455-477, jul.-dez. 2022.

PARANÁ, Edemilson; TUPINAMBÁ, Gabriel. *Arquitetura de arestas*: as esquerdas em tempos de periferização do mundo. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SPIVAK, Gayatri C. Supplementing Marxism. In: MAGNUS, Bernd; CULLENBERG, Stephen. *Whither Marxism?* Nova Iorque: Routledge, 1994, p. 109-120.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

SPIVAK, Gayatri C. *Crítica da razão pós-colonial*: por uma história do presente fugidio. Tradução de Lucas Carpinelli. São Paulo: Politeia, 2022.